



Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas

Silvio Lima Figueiredo – Professor de pós-graduação em Ciências Sociais-PPGS/UFPA e do Curso de Turismo do Centro Socioeconômico da Universidade Federal do Pará (CSE-UFPA)

Doris Van de Meene Ruschmann – Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), em Santa Catarina, Brasil

Resumo

Este artigo faz um estudo genealógico da viagem e do turismo, conceitos importantes para a compreensão da sociedade ocidental, por meio da análise de certos escritos, alguns dos quais representam um marco não só na literatura, mas também na história e na antropologia. Estuda-se a construção das idéias de viagem, turismo, viajante e turista, com base na literatura e nos relatos, dos “agentes” que contribuíram tanto para a formação como para a cristalização dessas noções. Constatase que as idéias encontradas na literatura e nos relatos acabam sendo reproduzidas nos produtos culturais da pós-modernidade, transformando ações, personagens e personalidades em construções estereotipadas.

Abstract

This article presents a genealogical study of traveling and tourism – important concepts for the understanding of western societies – through the analysis of a number of writings, some of them representing a milestone in literature, history, and anthropology. We examine the construction of ideas of traveling, tourism, traveler, and tourist, based on literature and in reports of two “agents” that were important both for the formation, and for the crystallization of such notions. We realize that ideas on traveling and tourism found in literature and in reports are reproduced in cultural post-modern products, transforming actions, characters, and personalities into stereotypes.

Palavras-chave

viagem, turismo, viajante naturalista.

Keywords

traveling, tourism, naturalist traveler.

INTRODUÇÃO

Há mais de 150 anos, Stendhal publicou um relato de viagem intitulado *Mémoires d'un touriste*. Provavelmente seu autor não sabia que uma palavra que empregava seria um dia tão importante no mundo moderno e pós-moderno: turista. Stendhal, cujo nome verdadeiro era Henri Beyle, viajou pela Europa, anotando situações. Nascido em 23 de janeiro de 1783, viajou pela França de 1837 a 1838: Fontainebleau, Langres, Valence, Avignon, Nantes, Marseille, Toulon, Cannes. Em Montargis descreve: "Pequena cidade insignificante. Fortificou-se depois de 1814, quando gozou das reformas introduzidas por Sieyès, Mirabeau, Danton e outros grandes homens".

Em 1838, Stendhal publica *Mémoires d'un touriste*. O autor é um turista diferente, pois sua descrição da França daquela época está encorpada com idéias políticas e sociais. Como ele mesmo diz, é mais do que turismo.

Compreender o homem por meio do estudo das viagens ou buscar as razões que levam o homem a viajar e descobrir como as viagens influem na vida e no comportamento do homem são questões importantes que ainda não foram abordadas em muitos estudos.

As características da viagem e do turismo estão imbricadas nos textos analisados aqui. Por meio deles, pode-se verificar como certos ideais são apresentados aos leitores dos chamados relatos de viagens, geralmente não incluídos nos gêneros literários mais comuns, como o romance, o conto, a crônica, o ensaio. Na verdade, pode-se dizer que a literatura de viagem acaba por condensar vários gêneros, pois é formada por muitos elementos, constantes em um ou em outro gênero. A chamada literatura de viagem é resultado dessa combinação.

Os conceitos de viagem e turismo estão presentes na maior parte dos textos fundamentais para a compreensão da sociedade ocidental, alguns dos quais representam um marco não só para a Literatura, mas também para a História e a Antropologia. São muitas as interpretações dessas duas categorias que ora se aproximam, ora se distanciam.

As idéias de viagem, turismo, viajante e turista foram sendo construídas ao longo dos anos na literatura e nos relatos. Esses dois "agentes" contribuíram tanto para a formação como para a cristalização dessas noções. As idéias de viagem e turismo, que não são encontradas no âmbito científico, geralmente são usadas a partir do que foi construído todos esses anos na literatura e nos relatos, que têm uma participação incisiva na consolidação dessas idéias. E são essas idéias que acabam sendo reproduzidas nos produtos culturais da pós-modernidade,

transformando ações, personagens e personalidades em construções estereotipadas.

As principais opções teóricas na interpretação dos dados são provenientes das discussões sobre viagem, viajante, turismo e turista, encontradas em autores que trataram o tema, ainda que rapidamente. Um dos autores é Jean-Didier Urbain (1986, 1996, 2002a, 2002b, 2003a, 2003b), que conceitua viagem e turismo, propõe uma interpretação semiótica para esses conceitos, explica como essas palavras foram criadas (URBAIN, 1986) e em que momento os dois conceitos passaram a ser antagônicos (URBAIN, 1986). As análises de Urbain baseiam-se na leitura de obras da literatura universal, como *Robinson Crusoe* e *A volta ao mundo em 80 dias*. Este artigo também se apóia nessas obras, mas recorre principalmente aos textos de Urbain *Sur la plage* (2002) e *Secrets de voyage* (2003).

Nos textos de Dean MacCannell (2003), encontram-se as teorias sobre a caracterização do turista, figura ligada à sociedade moderna, ao homem moderno. Segundo o autor, além de uma pessoa real, uma realidade, um fato, "o turista é um dos melhores modelos disponíveis para o homem-moderno-em-geral" (MACCANNELL, 2003, p. 3). É esse aspecto e essa acepção metassociológica que fazem do estudo do turismo e dos turistas um dos mais importantes atualmente. É principalmente na mente dos turistas que podemos apreender a civilização moderna. Trata-se da nova teoria da classe ociosa.

A viagem, e sua contraparte, o turismo, caracterizam-se hoje pela possibilidade de representarem o homem pós-moderno. De acordo com os folhetos, as publicidades, o homem deve viajar pelo menos uma vez no ano para lugares nunca antes visitados. Assim, viajar não é supérfluo. A viagem permite uma vida melhor, pois ela cura, combate o *stress* cotidiano e oferece a possibilidade de se vivenciar experiências únicas, além de educar o viajante/turista e modificar sua percepção da vida. A viagem proporciona o conhecimento. Espelhem-nos nos viajantes intrépidos e famosos por seus feitos.

Michel Maffesoli, em sua obra *Sobre o nomadismo* (2001), apresenta uma categoria que remete à viagem: a errância, como uma "constante antropológica", que caracteriza muitos povos, religiões e culturas, dos índios guaranis ao rock como expressão cultural. O desejo de circulação, de mudança, de mobilidade é antigo.

1 - OS VIAJANTES DESCOBRIDORES, CONQUISTADORES, CRONISTAS E NATURALISTAS

Já presente, nas mais variadas formas, na Antiguidade e na Idade Média, a viagem, a partir do século XVI, torna-se uma prática cotidiana. Dos pequenos deslocamentos internos na Europa às grandes viagens de exploração, ela produz um fascínio único. O Novo Mundo e as terras do Oriente oferecem experiências inéditas.

As viagens começam a se intensificar a partir das chamadas grandes navegações, que levam a Europa, principalmente Portugal e Espanha, à "expansão ultramarina". Segundo Eric Roulet (2000), são muitas as razões para que esses países tenham desenvolvido rapidamente suas aptidões para a navegação. As descobertas devem-se inicialmente ao desenvolvimento econômico da Europa no final do século XV. Os Estados ibéricos, Portugal, Aragão, Castela e Navarra, os três últimos unidos na Espanha, organizavam-se internamente, politicamente. A união dos reinos de Aragão e Castela, que depois anexou Navarra, fez da Espanha uma potência com possibilidades imperialistas. A retomada de Granada, há muito nas mãos dos mouros, deu novo ânimo de conquista à nação que se estava formando.

A vocação marítima de Portugal também não pode ser esquecida, sua monarquia era favorável às conquistas marítimas. A marinha desenvolveu-se com o Infante Henrique e os reis Afonso V (1438-1481), João II (1481-1495) e D. Manuel (1495-1521). Primeiramente, os portugueses conquistaram o norte da África (Marrocos) e as ilhas da costa atlântica da mesma África. Lisboa também deu abrigo a muitos estrangeiros nas suas casas de comércio, estabelecendo uma rede comercial com a Europa do norte. Segundo Bueno (1998), o rei D. João II teve papel fundamental na construção do projeto português de conquista e expansão ultramarina, pois foi graças a ele que a façanha de contornar a África e chegar às Índias foi levada a cabo.

A principal figura, no entanto, dessa época é Cristóvão Colombo. Colombo, baseado na crença de que o mundo é redondo, presumiu que, se viajasse sempre em direção a oeste, chegaria às Índias, com todo o seu esplendor em ouro, divulgado antes por Marco Polo. Essa crença motivou-o a ganhar o mar com suas três famosas caravelas: Santa Maria, Pinta e Nina. Obviamente que sua viagem era movida pelo desejo de encontrar ouro nas Índias e outros produtos comercializáveis, uma vez que as rotas terrestres para lá estavam fechadas e o caminho marítimo descoberto por Vasco da Gama era longo demais.

Outras razões moveram Colombo: levar a palavra de Deus àquelas terras – não se pode esquecer que a Igreja Católica estava no auge da Inquisição; transformar a Espanha em um grande império, conquistando as terras onde as casas eram construídas com ouro e pedras preciosas e de onde vinham as especiarias mais caras comercializadas na Europa; mas, acima de tudo, descobrir o desconhecido. Essas são as principais razões da viagem de Colombo (MADARIAGA, 1991).

Segundo Todorov (2003), a chegada de Colombo à América representou o encontro mais surpreendente de nossa história. Os europeus nunca ignoraram a China, a Índia ou a África, mas a América apresentou povos e culturas completamente desconhecidas dos europeus, sua descoberta representou o verdadeiro encontro com a diferença, diferença que não foi respeitada.

Outra figura controversa foi Américo Vespúcio. Embora tenha sido uma figura importante no descobrimento e na coleta de informações sobre a nova terra, alguns estudiosos consideram-no como um charlatão, não só pela ausência de dados sobre suas viagens, mas, e principalmente, pelas cartas em que narra suas viagens, algumas certamente de sua autoria, outras de autoria duvidosa. Nessas, surpreendem-se cópias de outros relatos, incluindo os de Marco Polo. As cartas em que Vespúcio descreve suas viagens – *Mundos novus* e *Quatro navegações*, apócrifas, e *Carta de Sevilha*, *Carta de Cabo Verde* e *Carta de Lisboa*, consideradas autênticas – demonstram que, apesar da grande quantidade de explorações marítimas, empreendidas principalmente por portugueses e espanhóis, o mundo ainda continuava obscuro.

Pedro Álvares Cabral também entrou para a história do Ocidente por ter chegado às terras hoje chamadas Brasil. Pairam, porém, dúvidas sobre sua proeza por causa das viagens de Vicente Yañez Pinzon, viajante que acompanhou Colombo e teria chegado ao Brasil três meses antes de Cabral. A viagem de Cabral está registrada na famosa *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Segundo Castro, "A carta se compõe objetivamente de sete folhas, cada uma de quatro páginas, por um total de vinte e sete de texto e uma de endereço, com a medida de cerca de 296 por 299 mm, típica da época" (CASTRO, 2003, p. 11).

Os personagens portugueses citados são: Pedro Álvares Cabral, Pero Escolar, Vasco de Ataíde, Nicolau Coelho, Afonso Lopes, Sancho de Tovar, Simão Miranda, Aires Correa, Bartolomeu Dias, João Telo, Frei Henrique de Coimbra, Diogo Dias, Afonso Ribeiro, Aires Gomes, Jorge de Osório.

O texto de Pero Vaz de Caminha, em forma de carta, é uma crônica. A *literatura de testemunho*, como lembra Castro, manifesta-se

principalmente na forma de carta ou na forma de diários. As cartas de Colombo, Vespúcio e Caminha são marcos, documentos, patrimônio do Velho e do Novo Mundo. A preocupação principal de todas é a descrição: a descrição das novas terras, da paisagem, das formas vegetais e da flora, da fauna, da possibilidade da presença de riquezas (ouro e prata), dos costumes índios e do comportamento dos europeus diante da diferença – até houve tentativas de compreensão.

Os textos caracterizam-se pelo realismo. Segundo Castro (2003, p. 29), as transformações no *ethos* português, entre os fins do século XIV e o começo do século XVI, ligadas às viagens e descobertas, produzem esse tipo de literatura. A literatura de testemunho insere-se na “literatura de viagem”, que em Portugal ganha fôlego com a divulgação de informações sobre as navegações e as novas terras descobertas e as novas colônias instaladas. A literatura portuguesa deve muito a esses relatos, haja vista *Os Lusíadas*, que narra a epopéia das explorações marítimas.

O viajante Pedro Álvares Cabral e seu séqüito revelam as qualidades dos homens que partiram para a empreitada: são viajantes intrépidos, corajosos e descobridores. Não tiveram receio de entrar em contato com os nativos da região que, por tratar-se das Índias Ocidentais, obviamente seriam os índios. “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse as suas vergonhas. Traziam nas mãos arcos e setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles assim fizeram” (CAMINHA, 2003 [1500], p. 90). Também não tinham nenhuma crença ou religião.

Em todo caso, era o paraíso terrestre, representado pela abundância de frutas, plantas, animais, natureza e vida.

Fernão de Magalhães em parte conseguiu realizar a proeza de um herói, a volta ao mundo, a circunavegação que lhe custou a vida e contribuiu para reforçar alguns mitos da época. Sua viagem foi relatada por Antonio Pigafetta, que descreveu vários povos, entre os quais os brasileiros: “Tinta e tatuagem – Os brasileiros, homens e mulheres, pintam o corpo, sobretudo o rosto, de um modo estranho e diferente. Eles têm cabelo curto e espesso e não possuem pêlo sobre nenhuma parte do corpo, porque se depilam” (PIGAFETTA, 1997 [1522], p. 54). Pigafetta escreverá ainda sobre Fernão de Magalhães, morto nas Filipinas em conflito com os nativos, um relato impressionante:

“A glória de Magalhães sobreviverá sua morte. Dotado de todas as virtudes, mostrou inquebrantável persistência em meio às maiores adversidades. No

mar, costumava passar maiores privações do que a tripulação. Versado mais do que ninguém nos mapas náuticos, sabia perfeitamente a arte da navegação como o demonstrou dando a volta ao mundo, o que ninguém ousou tentar antes dele” (PIGAFETTA, 1997 [1522], p. 112).

Há pelo menos dois casos explícitos de viajantes que, de heróis das descobertas espanholas, se transformaram na encarnação da destruição e da exterminação de indígenas. Hernan Cortez e Francisco Pizarro. Os dois foram responsáveis pela dizimação de importantes civilizações que habitavam a América Central e a do Sul: os astecas e os incas.

Dentre os historiadores e teóricos da ocupação espanhola da América (MAHN-LOT, 1996; ROULET, 2000; TODOROV, 2003), destacam-se os relatos de Jules Verne. Jules Verne (1998 [1870]) escreveu uma obra no mínimo interessante. *Os conquistadores* descreve as ações de Cortez e Pizarro sempre dando margem a uma dúbia interpretação: sem poder deixar de tratá-los como heróis, não deixa de reconhecer os exageros de sua conquista¹:

“Era um cavaleiro errante, diz Prescott. Com toda essa gloriosa tropa de aventureiros que a Espanha do século XVI lançou na trilha das descobertas e das conquistas, não houve nenhum que tivesse o espírito mais profundamente imbuído de aventuras romanescas que Ferdinando Cortez. Ele amava a luta, amava uma conquista pelo lado mais difícil” (VERNE, 1998 [1870], p. 86).

Todorov (2003) investiga as razões de Montezuma não ter resistido à conquista de Cortez, embora a população indígena fosse mais numerosa e preparada. Talvez as ações de Montezuma não fossem exemplares para seu próprio povo, e ele próprio não era admirado, já que os astecas chegaram à região também como conquistadores.

Álvar Nuñez Cabeza de Vaca é outro viajante cuja aventura, que começou em 1527 com o naufrágio de seu navio na Flórida, foi trágica, pois dela só sobreviveram quatro homens, dos quase quinhentos

¹ Não só Cortez e Pizarro promoveram massacres, Vicente Yanez Pinzon e outros conquistadores espanhóis e portugueses dizimaram uma população em franco desenvolvimento na foz do Amazonas, o que refuta as teses de que a Amazônia possuía uma população esparsa e não complexa (ROOSEVELT, 1991; BECKERMAN, 1991).

destacados para a empresa. Um dos sobreviventes foi Cabeza de Vaca, encontrado pelos homens de Cortez.

A atuação dos cronistas faz parte dos descobrimentos do Novo Mundo e das explorações da África, África Central e Oriental. No Brasil, eles tiveram papel importante no registro da história de uma nação que estava nascendo, do embate entre europeus e nativos.

Os cronistas geralmente eram viajantes, poucos falavam sem ter estado nas terras sobre as quais escreviam, participaram de momentos importantes nas nações e locais inexplorados ou desconhecidos dos europeus. É bom lembrar que o sentido de descoberta está ligado ao desconhecimento dos europeus das terras além do oceano, do “mar tenebroso”, e além das Índias Ocidentais.

Dos cronistas que relataram fatos sobre o Brasil, muitos eram portugueses: Pero Vaz de Caminha, Fernão Cardim, Pero Lopes de Souza, Gabriel Soares de Sousa, Pero de Magalhães Gandavo, Ambrósio Fernandes Brandão, Simão de Vasconcelos, Padre Anchieta, Manuel da Nóbrega. Como dito anteriormente, foram responsáveis pela imagem que o mundo (Europa) dos séculos XVI e XVII tinha do Brasil. Outros cronistas, de outras nações, também tiveram o mérito de registrar a vida no Brasil nos primeiros séculos após o descobrimento: Hans Staden (alemão), André Thevet e Jean de Léry, Claude d’Abbeville e Yves D’ Evreux (franceses), João Antonio Andreoni (Antonil, italiano).

Por sua vez, as viagens naturalistas vão reconciliar a crônica com a aventura, e a ciência será responsável pelas novas aventuras dos viajantes.

O mundo novo tem um potencial a ser explorado, despertando o interesse de comerciantes e a curiosidade de cientistas. As viagens de naturalistas às novas terras tentam saciar essa curiosidade. Surge um viajante que, em tese, procuraria na experiência da viagem a compreensão do mundo e de sua própria existência, não só o desafio da conquista.

Da mesma forma que viajantes buscaram conhecer as terras brasileiras, o éden-inferno, aventureiros e exploradores lançaram-se aos mares na tentativa de conhecer as terras ainda não descobertas e os povos ainda não contatados. Chegou a hora. Quem sabe o Eldorado não estaria nessas terras ou mares?

James Cook é um exemplo desses aventureiros que fizeram de suas viagens o protótipo da viagem de exploração e de aventura ao mesmo tempo. Além dele, Tasman, Galeon Manila, Bering, Carteret, Bougainville e muitos outros começaram a se aventurar pelo mundo

(PRICE, 1985; COOK, 1985; BOUGAINVILLE, 2000). Lewis e Clark expandiram a fronteira dos Estados Unidos para o Oeste.

A viagem de La Condamine à América inaugura um novo período da história das descobertas no continente. O destaque não é mais para os conquistadores, missionários ou aventureiros. No século XVIII, desenvolve-se um interesse científico pelo Novo Mundo e por outras partes ainda desconhecidas por completo, como as áreas do Oceano Pacífico (MINGUET, 1992, p. 8).

Molda-se a figura do viajante naturalista. Em seu relato, encontram-se observações sobre a região, sobre a fauna e a flora, e sobre os hábitos indígenas: “os macacos são a caça mais comum e mais apreciada pelos índios do Amazonas. Em todo o decorrer da minha navegação por esse rio, vi tantos e ouvi falar de tantas espécies diferentes que a simples enumeração seria longa” (LA CONDAMINE, 1992 [1745], p. 102). A descrição de uma ave, a partir de comparações, revela a maneira como o naturalista registra as informações.

Alexander von Humboldt, no final do século, também realiza uma expedição pela norte da América do Sul, principalmente na América Espanhola. Sua descrição faz parte da composição de uma nova ciência, a Geografia:

“Junto das altas montanhas de granito, que desafiaram a erupção das águas, ao formar-se, na mocidade da Terra, o mar das Antilhas, começa uma vasta planície que se estende até se perder de vista. Se, depois de atravessar os vales de Caracas e o lago de Tacarigua, semeado de numerosas ilhas, e no qual se refletem os plátanos que lhe assombriam as margens, se passar pelos prados onde brilha a verdura clara e suave das canas de açúcar de Taiti, ou se deixar para trás a sombra densa dos bosquezinhos de cacau, a vista dilata-se e descansa para o sul sobre estepes as quais parecem ir-se levantando gradualmente e desvanecer-se no horizonte” (HUMBOLDT, 1965 [1808], p. 5).

Humboldt tinha na verdade um sonho: conhecer as novas terras, mas com um olhar científico. Ele desejava investigar, explorar e desvendar:

“Arrebatado, de súbito, a todas as riquezas da vida orgânica, o viajante fica surpreendido ao penetrar nesses espaços sem árvores, que mostram apenas indícios de vegetação. Nem uma colina, nem uma

rocha sequer, que se destaque, como uma ilha, no fundo da planície sem limites. Apenas camadas horizontais se levantam rotas aqui e ali sobre o solo que as rodeia, e cobrem superfícies de quinhentas léguas quadradas. Os naturais do país chamam bancos a essas camadas, expressando assim, por acaso ou pressentimento, o antigo estado de coisas, naquele tempo em que essas estepes eram o leito de um vasto mar interior, cujos baixios seriam tais eminências” (HUMBOLDT, 1965 [1808], p. 5).

Um dos principais viajantes do Brasil foi Alexandre Rodrigues Ferreira, que realizou uma série de viagens chamadas “viagens filosóficas”, descortinadoras de grande parte da Amazônia. Escreveu diários das viagens que realizou pelo “Estado do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá”. Viajou a pedido dos governos das Províncias, inventariou indígenas, mamíferos, aves, aspectos geográficos durante quase 10 anos, percorrendo aproximadamente 39.372 km.

Assim, a quantidade de naturalistas viajantes que visitavam o Brasil aumentou consideravelmente. O desenvolvimento da ciência no século XIX foi responsável pela transformação das terras brasileiras em laboratório, e o país, junto com outros locais do mundo, como a África e a Indonésia ou a Austrália, representava uma etapa empírica das pesquisas científicas.

Outros viajantes estiveram no Brasil: Augustin François de Saint-Hilaire, Georg Heinrich von Langsdorff, Alfred Wallace, Henry Bates, Johann Baptist von Spix e Carl Philipp von Martius. Do seu modo, Spix e Martius imprimem qualidade às suas pesquisas científicas contundentes sobre a flora, a fauna, a geografia, o cotidiano do Brasil em *Viagem pelo Brasil* (publicado em três volumes em 1823, 1828 e 1831).

Johann Emanuel Pohl, botânico e geólogo, fez parte, junto com Spix e Martius, da missão científica que acompanhou a princesa Leopoldina em uma viagem ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. Além de Spix, Martius e Pohl, a expedição trazia o zoólogo e etnógrafo Johann Natterer, o pintor botânico Johann Buchberger, e o pintor e paisagista Thomas Ender. A expedição permaneceu no Brasil de 14 de julho de 1817 a 1.º de julho de 1818. Percorreu vários estados brasileiros. Spix e Martius visitaram a Amazônia e publicaram *Viagem pelo Brasil*. O pintor Thomas Ender produziu uma série de aquarelas e desenhos, que hoje fazem parte do acervo do Museu da Áustria.

Uma das histórias mais trágicas dos viajantes naturalistas é a viagem de Langsdorff (BERNARDINO, 1997) pelo Brasil. Sua expedição

trouxe uma série de viajantes para as terras novas do Brasil: Ludwig Riedel (botânico), Jean Ménétries (zoólogo), Hercules Florence (desenhista), Nester Rubtsov (astrônomo), Georg Freyreiss (botânico), Rugendas (pintor), entre outros. Georg Heinrik von Langsdorff viajou pelo Brasil no período de 1822 a 1829, após visitar a ilha de Santa Catarina e se sentir atraído pelo país. Como Cônsul da Rússia, estabeleceu varias ligações diplomáticas e de comércio com o país que adotaria como segunda pátria.

Sete anos mais tarde, chegava ao Brasil o médico Robert Christian Berthold Ave-Lallemant, que, após clinicar no Brasil, fez parte da expedição da fragata austríaca. Um pouco mais tarde, chegou Adalbert, o príncipe da Prússia. E em 1848 chegaram ao Brasil aqueles que, junto com Spix, Martius e Agassiz, seriam os maiores representantes das viagens naturalistas: Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates. Os dois tinham o mesmo desejo de visitar as regiões tropicais e estudar a fauna e a flora, e obviamente fazer coleções. Na chegada, a estupefação com a flora do local:

“O vigor da vegetação evidencia-se por toda parte. As platibandas e cornijas das casas revestem-se de pequenas plantas, e nos altos das paredes e nichos das igrejas vêem-se musgos, relvas e mesmo arbustos ou árvores de pequeno porte. Para cima, para baixo e para além da cidade, tanto quanto a vista pode alcançar, estende-se a floresta virgem. Em todas as ilhotas do rio, vêem-se árvores até à beira da água, e as pequenas praias, agora atingidas pela cheia, são cobertas de arbustos ou árvores baixas, cujas grimpas estão apenas acima da superfície das águas. O aspecto geral da vegetação pouco difere do da Europa, excetuando-se as palmeiras, de abundante folhagem, e que ostentam graciosas formas” (WALLACE, 2004 [1853], p. 37).

A “exuberante”, “fantástica” Amazônia é vista como um grande laboratório, uma das principais regiões do mundo para se realizar uma viagem científica, ou ainda uma viagem normal, por simples curiosidade.

Richard Spruce, outro naturalista inglês, ficou quinze anos no Brasil estudando botânica. Percorreu os rios Amazonas, Trombetas, Negro e Uaupés, chegando até o alto Orenoco. O casal Agassiz também teve sua importância. Jean Louis Agassiz nasceu na Suíça, em 1807, e estudou em universidades da Suíça e da Alemanha. Em 1846, foi para os Estados Unidos, onde se naturalizou norte-americano e trabalhou em

diversas universidades americanas. Organizou a chamada Expedição Thayer, que visitaria o Brasil para coletar espécies e fazer estudos geológicos. A razão da viagem de Jean Agassiz, no entanto, seria antes de tudo a necessidade de mudar de clima, para auxiliar no tratamento de sua saúde:

“No inverno de 1864-1865, senti a saúde tão abalada que os médicos me aconselharam a abandonar todo o trabalho e mudar de clima. Houve quem lembrasse uma viagem à Europa; mas o interesse que deveria sentir um naturalista em se achar um novo no meio do ativo momento científico do Velho Mundo constituía justamente um obstáculo. Não era aí que eu deveria procurar repouso para o espírito” (AGASSIZ; AGASSIZ, 2000 [1868], p. 13).

Charles Frederick Hartt, participante da expedição de Jean Louis Agassiz, desenvolveu importantes pesquisas durante sua estada no Brasil. Como ressalta Freitas (2002), o cientista destacou-se também pela descrição dos costumes e comportamentos do povo brasileiro, incluindo lendas como a do jabuti (mais tarde estudada por Mário de Andrade). Dessa forma, a obra de Hartt é um misto de relato de viagem e de estudos científicos, assemelhando-se a outros relatos, mas ao mesmo tempo se diferenciando pela qualidade da narrativa.

“Os navios a vapor roubaram do mar metade de sua poesia, e uma viagem de vapor é quase sempre pobre em incidentes; nesta viagem, não tivemos nenhuma tempestade, nenhum acidente capaz de quebrar a monotonia da vida no mar, tanto que os nossos diários não se enriqueceram lá muito com experiências interessantes do alto-mar. Está certo que nós pescamos algumas algas do golfo, e pudemos coletar os delicados bichinhos que estavam vivendo ali, e também deu para ver os peixes-voadores e os golfinhos e as baleias; mas, de um vapor, vêem-se essas coisas tanto quanto se vê o gado quando se viaja de trem pelo interior” (HARTT, 1868 apud FREITAS, 2002, p. 83).

No Brasil, os Agassiz destacaram-se pelo trabalho naturalista. Outro casal, Henri Coudreau e sua esposa, vieram realizar pesquisas no Estado do Pará, a pedido do governo local, no final do século XIX. Havia realmente o desejo de conhecer cada vez mais o território brasileiro,

suas riquezas naturais. Henri Anatole Coudreau (1987), francês, foi contratado pelo governo do Estado do Pará para pesquisar os rios paraenses. Assim, percorreu os rios Tapajós, Xingu, Tocantins, Araguaia, Itacaiúnas e Trombetas.

Paul Walle, Barléu, William Edwards, o presidente norte-americano Roosevelt, o Marechal Rondon e Gastão Cruls foram outros viajantes que cruzaram o Brasil. Alguns viajantes foram importantes, como Ferdinand Denis, Augustus Earle, Maria Graham, Teotônio José Juzarte, Orville Derby e Ermano Stradelli. Dentre os brasileiros, também se destacaram Pedro Teixeira, Domingos Ferreira Pena, Antonio Baena, Artur Neiva, Belisário Pena e Heloísa Alberto Torres. Foram muitos os desbravadores do Brasil e também de outras regiões, como David Livingstone, o missionário que cruzou a África e passou aproximadamente trinta anos no interior do continente negro², e Sir Henry Morton Stanley, que saiu em busca de Livingstone até encontrá-lo. John Dundas Cochrane realizou uma viagem a pé na Europa e depois na Rússia e Sibéria, entre 1820 e 1823. Também Percy Fawcett, que desapareceu no Brasil em 1925, procurando uma cidade perdida.

Os trabalhos que se utilizam dos relatos de viajantes, principalmente como fontes da historiografia, tendem, em geral, a classificá-los como verdades históricas incontestáveis (SILVA, 2003, p. 14). Numa outra visão, os relatos não são fontes fidedignas, não devendo ser consultados, pois trazem um olhar etnocêntrico e muitas inverdades. Segundo Martins (2001), a inconsultabilidade dos diários é uma ilusão literária. Infelizmente, no entanto, ela tem sido tomada, muito freqüentemente, em seu sentido literário; por isso, a literatura do explorador e do colonizador tem sido esquecida. A experiência histórica registrada pelos relatos de viagem foi reduzida a um “eu vim, eu vi, eu conquistei” mitificador, como se os exploradores não houvessem percorrido suas próprias trilhas dias e dias, antes de retornar ao ponto de onde haviam partido. “E não apenas os retrocessos implícitos nessas experiências especiais foram apagados, mas sua ordem foi linearizada, submetida a uma cronologia imperialista de um só sentido” (MARTINS, 2001, p. 28- 29).

2 - VIAGEM E TURISMO: O MUNDO EM MOVIMENTO

O turismo nasceu no meio do século XIX, quando o mundo passava

² Como missionário, o objetivo principal de sua viagem era a conversão dos nativos e a expansão do cristianismo, mas Livingstone descobriu o lago Niassa, o rio Shire, o lago Shirwa e os saltos Victoria's Falls, na África (LIVINGSTONE, 1994 [1873]).

por sua mais contundente transformação. Os países europeus, principalmente a Inglaterra, passavam por uma grande mudança, em razão do início do capitalismo industrial. O aparecimento de grandes indústrias, extremamente ligadas ao desenvolvimento científico e tecnológico, foi um fator determinante do surgimento e da expansão da viagem turística. Segundo Hobsbawn, o mundo em 1875 era mais conhecido do que nunca fora antes. O desenvolvimento tecnológico foi responsável pelo desenvolvimento das estradas de ferro, do barco a vapor e do telégrafo: "A construção de grandes troncos ferroviários naturalmente ganhou a maior parte da publicidade. Era, realmente, o maior conjunto de obras públicas existente e um dos mais sensacionais feitos da engenharia conhecido até então na história" (HOBSBAWN, 1982, p. 74). Harvey (1993, p. 240) destaca ainda a abertura do Canal de Suez, a fotografia e, mais tarde, o automóvel como acontecimentos marcantes na "diminuição do mundo", com os espaços vazios dos mapas sendo preenchidos cada vez mais e com a possibilidade de informações serem transmitidas com mais rapidez.

Outro fator importante para o desenvolvimento do turismo está ligado diretamente à configuração das relações de trabalho no modo de produção capitalista, em que os trabalhadores são remunerados pelo trabalho despendido na produção de mercadorias. O desenvolvimento industrial europeu, principalmente na Inglaterra, criou uma nova classe, além da burguesia industrial: o proletariado, formado por trabalhadores que, segundo Hobsbawn (1982, p. 235), tinham em comum o fato de serem explorados no seu trabalho, além de serem segregados pela sociedade burguesa. Esses trabalhadores, trabalhando muitas vezes em situações desumanas, com uma jornada de trabalho de 16 horas, foram aos poucos mudando esse quadro, ao se organizarem em sindicatos, tendo conseguido a diminuição da jornada.

Nessa perspectiva, altera-se a concepção de tempo, que passa a ser interpretado como uma dualidade: tempo de trabalho e tempo livre. Passa-se, portanto, a prever um tempo destinado ao descanso e ao lazer. Esse tempo livre transformou-se ainda mais com o descanso semanal e as férias pagas. O turismo de massa é incentivado, já que o trabalhador tem a possibilidade de viajar nas férias (CORBIN, 2001, p. 14-15)³.

³ Corbin (2001) analisa o lazer com base na dicotomia tempo de trabalho/tempo livre. Essa interpretação é característica da sociedade moderna, na qual o trabalho e o lazer opõem-se e dividem a existência do homem. É a moderna concepção de tempo.

O germe do turismo está no século XIX, tendo havido uma ruptura na prática e no imaginário sobre as viagens. A partir de então, o turista vira protótipo de viajante para mais tarde, mesmo sendo um tipo de viajante, contrastar com o viajante “puro”. Afirma Marc Boyer:

“Dar sentido é algo próprio do historiador; não dar o sentido, o que levaria a colocar acontecimentos, inovações, mutações em uma evolução necessária rumo a um fim inevitável, a civilização do lazer, o advento do lazer, e até mesmo o desaparecimento do trabalho. Ao contrário, pensar que os homens sempre migraram, sem motivo e por prazer, seria cometer o mais desastroso contra-senso”(BOYER, 2003, p. 40).

É clara a tendência para se considerar o turismo como uma forma de viagem que existiu sempre, sinônima de viagem. O entendimento das formas históricas relativas e das mudanças de mentalidade indica o contrário: o turismo é uma forma de viagem exclusiva da modernidade e pilar da pós-modernidade.

“O turismo nem sempre existiu. O fenômeno designado, na época romântica, por uma palavra, por um neologismo, decorre de *The Tour*, termo que, apesar da aparência, não era compreendido pela ‘Europa francesa’ do século 18” (BOYER, 2003, p. 39).

O turismo – viagem moderna – inscreve-se na lógica dual trabalho/tempo livre. Ele é sinônimo de férias e transformou-se no uso maximizado do tempo livre.

O dicionário *Le grand Robert de la langue française* (REY, 2001) é claro na sua definição de turista: pessoa que se desloca, que viaja por prazer. Fazer turismo é fazer uma viagem por prazer (para se distrair, adquirir cultura, etc.) a um outro lugar, onde não se mora habitualmente.

Segundo Michel Maffesoli (2001), a sociedade pós-moderna resgata algumas características que são importantes na sua própria compreensão e fazem parte de novos comportamentos sociais (ou, para o autor, societais). São elas: a volta dos valores dionisíacos, o tribalismo pós-moderno e a pulsão da errância. Segundo o autor, o que ele chama nomadismo, ou errância, lembra a impermanência de qualquer coisa e faz de todo mundo um viajante sempre em busca da outra parte, como o explorador maravilhado de mundos antigos. Essa característica está

presente no escopo da vida societal e diz respeito principalmente à vida marcada pelo qualitativo, ao desejo de romper o enclausuramento e o compromisso de residência próprios da modernidade, à revolta, violenta ou discreta, contra a ordem estabelecida, por representar a dinâmica do exílio e da reintegração, à pluralidade da pessoa e a duplicidade da existência. Segundo ainda o autor, há uma centralidade subterrânea – inconsciente e coletiva – no que ele denomina a “pulsão da errância”.

Segundo Maffesoli (2001), há uma retomada da errância como característica da pós-modernidade, como uma necessidade para a vida, para a existência. Em vários povos e religiões, a errância existe com uma finalidade, para fugir da morte, do tédio da vida ordinária, para mudar de tom. É resultado da aspiração de um ‘outro lugar’, porque aquele em que se vive não consegue satisfazer às questões habituais ou dar as respostas procuradas. O novo espírito do tempo pode nos incitar a ver na errância, ou no nomadismo, um valor social exemplar (MAFFESOLI, 2001, p. 28). O autor cita ainda a tradição zen, da escola de Hui Neng (o devir é o ser e o ser é o devir), em que o ‘não pertencimento’ a um lugar é a própria condição de uma possível realização de si na plenitude do todo (MAFFESOLI, 2001, p. 28).

A errância significa uma relação diferente com o outro e com o mundo: menos ofensiva, mais carinhosa, lúdica, trágica, baseada na impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos. Mas ela também representa o risco. Tal como Tazio, em *Morte em Veneza* [*Der Tod in Venedig*] (livro escrito por Thomas Mann e publicado em 1912), a errância representa um perigo. Desconfia-se daquilo que é errante; vagar sem destino é um perigo e é também um ato de resistência, uma espécie de protesto contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção. O nomadismo é antitético em relação à forma de Estado moderna, à concepção do uno e ao controle e ao adestramento; representa o movimento ou a efervescência do mundo.

Mas a errância não significa viagem. Todo mundo pratica a errância cotidianamente, segundo Maffesoli (2001, p. 29). A errância pode significar mobilidade: mobilidade diária do trabalho, do consumo, etc., e também as chamadas migrações sazonais, do turismo, das viagens, além da mobilidade social ou dos deslocamentos das populações em função de desigualdades econômicas. Essa mobilidade, da viagem ou do turismo ou de outra forma de errância, envolve um elemento importante: a aventura. A aventura existencial, a aventura da vida. A aventura da existência abrange experiências culturais, científicas, sexuais, religiosas, vividas em tempo real e

coletivamente por meio da internet, dos meios de comunicação, como a televisão e outras formas de comunicação em rede, mas também dos aviões e dos deslocamentos de viagens (MAFFESOLI, 2001, p. 30).

O desejo de outro lugar move o *Homo viator*. Também está na base dos ideais do cristianismo e de outras religiões – a busca do paraíso, motivadora de muitas explorações. As sociedades apresentam invariavelmente um movimento de congregação/dispersão, algo como momentos antitéticos de organização e dispersão, sedentarismo e errância.

A razão mais plausível para explicar a existência da errância e sua importância está na sede de outro lugar (desejo de alhures). Segundo a interpretação de Franck Michel, a viagem está na moda, mas ela significa expor-se, arriscar-se à alteridade, à novidade, ao estrangeiro, ao incomum e ao incomensurável (MICHEL, 2000, p. 17). É o desejo de evasão (pulsão migratória). É o desejo da mistura (pulsão pela miscigenação). É a errância do sexo. É a busca do não-lugar (utopos), do místico. Essa busca é prazer. A insatisfação de outro lado é motor da errância: a busca de um outro prazer, o desejo de um outro estado das coisas, pois o vivido não satisfaz.

A errância tem uma função cultural: “Estamos divididos entre a nostalgia do lar, pelo que ele tem de seguro, de matricial, pelo que ele tem de coercitivo e sufocante também, e a atração pela vida aventureira, que se move, vida aberta sobre o infinito e o indefinido, com o que comporta de angústias e de perigosidades”, afirma Maffesoli (2001, p. 147). O autor continua: “A aprendizagem da errância, que tem por corolário a aprendizagem do outro, incita a quebrar o enclausuramento sob todas as suas formas” (MAFFESOLI, 2001, p. 156).

A errância busca o pluralismo: é uma força viva que se exprime de diversas maneiras, “nos múltiplos sincretismos filosóficos ou religiosos, através de aventuras esportivas ou existenciais, na vagabundagem sexual, e mesmo, de modo mais trivial, no turismo mais convencional ou nas viagens organizadas, não poupando nenhuma camada social” (MAFFESOLI, 2001, 108).

A viagem também é importante na sua forma básica de deslocamento. O percurso tem valor também. O caminho é rico, é prazeroso passar por ele. Daí muitas figuras emblemáticas: Dionísio puxado por seu carro de tigres, símbolo da errância, Dom Quixote, símbolo do escapismo lúdico, ou *On The Road*, a errância juvenil, presente em muitas culturas junto com a errância sexual.

Na literatura, o viajante é visto como um ser que viaja por motivos

nobres, subjetivos. Recuperando a figura do viajante naturalista, o viajante procura, busca, interroga e respeita. Nessa busca do mundo, procura a si mesmo: busca sua identidade. A procura da identidade tem um sentido especial: a história de cada um é traçada pelos lugares por onde passou (PEIXOTO, 1987, p. 81).

Para o viajante, ter identidade é não ter casa (PEIXOTO, 1987, p. 82), ou seja, *não ter* uma das principais formas de ter identidade, pertencer ao grupo, ao lugar. Sua identidade, portanto é não ter identidade. É desfazer de sua identidade, buscar o estranhamento, “viajar é traçar uma linha [...] Quem resolve partir se põe em movimento, abre caminhos, percorre o espaço”. “A viagem é um processo de desenraizamento, construção de uma nova cartografia. Tudo é partida, evasão, passagem” (PEIXOTO, 1987, p. 82).

O pertencimento só tem sentido se há um pólo de repulsa, se se rejeita alguma coisa ou alguém. Nesse caso, as identidades são colocadas à prova quando encontram a diversidade. Na tese mais tradicional da antropologia sobre a diferença, os grupos conhecem sua identidade quando são contrastados com outros, de modos de vida diferentes. No entanto, esse contraste pode ser arriscado, pois o viajante ou o turista que entra em contato com outros povos pode perder sua própria identidade e seu pertencimento. Segundo Hall, na medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas pelo bombardeamento e pela infiltração cultural (HALL, 2001, p. 75). Esse risco pode, por outro lado, reforçar a cultura do viajante, pois ele passa a se refletir no outro. A viagem pode nesse caso ser um fator de fortalecimento das culturas. É preciso que exista uma figura importante nessa relação construtora e reforçadora de identidades: o estrangeiro.

O viajante não age somente sobre seu ser, mas provoca também inquietações por onde passa. Os viajantes criam uma distância do que eles deixaram para trás. Aqueles que partiram são estrangeiros permanentes: “São aqueles que vêm do nada e partem para lugar nenhum...[o viajante] não tem nome nem história. Aparece apenas para tudo mudar e então partir novamente” (PEIXOTO, 1987, p. 83). O que muda? “A chegada de estrangeiros em grande número tem como contra-ofensiva atos de reforço da coesão social”, afirma van Gennepe (1978, p. 42). É uma reação ao diferente, ao exógeno. Para que o estrangeiro não cause mais incômodo à tribo, precisa passar por ritos que garantam sua agregação à nova morada, mesmo que temporária. O autor destaca três fases na ritualização da chegada do estrangeiro: uma fase preliminar de

contato, um período de margem, com troca de presentes e apresentação das acomodações ao estrangeiro, e uma terceira fase, em que, para familiarizar o estrangeiro, estabelecem-se os ritos de agregação, dos quais a realização de refeições em comum são exemplo.

Existem também os rituais de separação, de partida. Van Gennepe (1978, p. 46) demonstra que uma pessoa pode separar-se do mundo exterior tirando os sapatos, o manto, a cobertura da cabeça e agregar-se a esse mundo comendo ou recebendo junto com outros ou realizando ritos prescritos. Os ritos de separação representam uma cisão e ocorrem para que ela não seja brusca e traumática (como no Norte da África, quando se lança água debaixo dos passos de quem vai partir). Assim, o viajante não fica totalmente sem ligação com sua sociedade, nem se transforma totalmente no outro. Esse estado de suspensão permite que ele volte ao seu lugar de origem.

A busca da identidade compreende um movimento de partida, viagem (percurso) e chegada, seja o retorno ao ponto de origem, seja a chegada a um novo lugar. No primeiro movimento, viajar significa desprender-se, despojar-se do ruim, do insuportável da vida, estar em suspensão. O percurso, estado de viagem, simboliza um rito de passagem, em que o *provisório* está presente e o mundo, o cotidiano, fica em *suspensão*. O *intervalo* é o espaço e o tempo. O lugar não existe como espaço.

O código da hospitalidade, por exemplo, usado na Grécia Antiga,



faz tratar bem o viajante, o errante. Por outro lado, a errância ameaça, pois o viajante estrangeiro traz a diferença, a mudança, a novidade. Essa ameaça faz com que ele seja tratado também com ações para neutralizar sua presença. Platão, citado por Maffesoli em *Sobre o nomadismo*, a partir de suas *Leis* (MAFFESOLI, 2001, p. 42), chama a atenção para o caráter inquietante do viajante: é uma "ave de passagem", portanto deve ser acolhido sim, mas fora da cidade, e deve ser vigiado para não introduzir nenhuma "novidade". Esse é o risco que representa o estrangeiro: ele traz a novidade, as diferenças, e isso pode modificar a estrutura, ameaçando o outro com a mudança. Segundo ainda

Maffesoli (2001) é próprio da mudança ser dolorosa e essencialmente traumática. Acolher o estrangeiro é também acolher o estranho, a diferença, o outro.

Em todo caso, tanto a viagem como o turismo trazem a *aventura* como elemento básico. A aventura exprime a totalidade da vida real, pois o sonho, na verdade, é uma contração de todas as nossas experiências, de todas as nossas potencialidades. A aventura é onírica, mas real. Para Simmel, citado por Maffesoli (2001, p. 44), o estrangeiro tem um papel fundamental na dinâmica das interações sociais. Ele é o intermediário com a exterioridade, e portanto com as diversas formas de alteridade. Ele é um corpo estranho à existência, mas está ligado ao seu centro. A aventura como característica e necessidade do homem aparece no ensaio *A filosofia da aventura*, de Georg Simmel (2002, p. 71-87). Segundo o autor, a aventura é uma experiência desconectada do fluxo normal da vida. Tal como uma suspensão, como a viagem da qual é elemento compositor, a aventura funciona como uma experiência necessária e secreta, desde a aventura da viagem até a aventura amorosa. A aventura da viagem tem a vantagem de ser um momento fora do tempo cotidiano e fora do espaço cotidiano, o que aumenta as chances de ocorrência de todos os tipos de aventura.

Assim como a aventura, a viagem necessita de outro elemento compositor: a curiosidade. As características dos viajantes são muitas, mas ninguém é viajante se não for curioso. Essa curiosidade provoca a sensação de aventura e a adrenalina necessária para ir cada vez mais em frente.

Quanto aos turistas, (nesse contexto) eles são branquelos (HIAASEN, 1993, p. 36), pálidos (HIAASEN, 1993, p. 65), usam camisas espalhafatosas e bermudas, prato cheio para os assassinos terroristas do Noites de Dezembro, comandados por "El Fuego", no romance *Caça aos turistas*, de Carl Hiaasen. Todas essas imagens fazem do turista "o lado negro do viajante".

Urbain diz que o turista substitui os relatos de viagens pela fotografia. Símbolo da rapidez, o turista não se enquadra no estrangeiro de Peixoto (1999), pois este observa o estranhamento. O turista fotografa, registra sem ver. Além disso, o lugar do turista é um não-lugar; o turista acidental quer ver sua vida reproduzida em espaços sem identidades, mas que se assemelham à sua casa. Ortiz (1999) percebe o desenraizamento dos homens provocado pela viagem. Os espaços desenraizados são comuns a todos, amenizam os ritos de separação e agregação, o estranhamento é aos poucos substituído por uma sensação de familiaridade (ORTIZ, 1999, p. 41). Todos usam cartões de crédito. A

viagem participa da criação de uma identidade desenraizada, com locais particulares (aeroportos), identidades planetárias (movimento ecológico) e uma memória “internacional-popular” (provocada pela mídia).

Cecília Meireles, observando uma grande quantidade de turistas no Museu do Louvre, em Paris, tece os seguintes comentários, aplicáveis às diferenças entre turista e viajante:

“trazida pela justa publicidade das agências de turismo, e, algumas vezes, arrastada por sugestões históricas, pelo interesse do estudo e da compreensão, uma turba numerosa e respeitosa invade os museus, com os seus casacos e as suas bengalas, com pluminhas nos chapéus e crianças pela mão. Por muitos que sejam, vão num grande silêncio, com grandes olhos preparados para o ato solene de “ver” até o último cêntimo da entrada, e todos os demais cêntimos da propina. (Não sei bem por que, mas dá-me vergonha, empregar aqui a palavra gorjeta).[...] quanto a mim, deixo-me ficar para trás, espero que a onda passe, que a voz do cicerone não pese mais nos meus ouvidos. Bem sei que não sou capaz de ver nada do que me mostrem, nem de entender nada do que me expliquem” (MEIRELES, 1998, p. 291).

Para a escritora, os turistas são adestrados pela situação e pela prática da viagem: “Alunos aplicados, fizeram todos os movimentos necessários para isso: cabeça para cá, cabeça para lá, meia-volta à direita, – agora, atenção, para a sala seguinte!” (MEIRELES, 1998, p. 292).

São interessantes também as observações de Alain de Botton :

“As distinções não eram necessariamente falsas, mas seu efeito era pernicioso. Quando os guias elogiavam um local, exerciam pressão sobre o visitante por um entusiasmo que estivesse à altura de seu próprio entusiasmo abalizado. Quando se calavam, o prazer ou interesse pareciam descabidos. Muito antes de entrar no Monastério de Las Descalzas Reales, com suas três estrelas, eu conhecia a opinião oficial com a qual minha reação teria de se harmonizar: ‘O mais belo convento da Espanha. Uma escadaria majestosa com afrescos conduz ao claustro superior onde cada uma das capelas é mais suntuosa que sua antecessora’. O guia poderia ter acrescentado ‘e onde deve haver algo de errado com o turista que não concordar com essa

avaliação”(BOTTON,2003, p. 124).

Mas o turista não pode ser responsabilizado por tudo de ruim em que a viagem se transformou, pois não há um grupo organizado, é o encontro temporário de pessoas de origens as mais diversas. Segundo Urry (1996), não existe um olhar único do turista; seu olhar varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. De acordo com o autor, há vários tipos de olhares de turistas, não existe apenas uma experiência universal verdadeira para todos os turistas, em todas as épocas. Na verdade, o olhar, em qualquer período histórico, é construído em relação com seu oposto, com formas não-turísticas de experiência e de consciência social: o olhar do turista depende daquilo que ele constata, das formas de sua experiência não-turística. Esse olhar pressupõe, portanto, um sistema de atividades e de signos sociais; determinadas práticas turísticas caracterizam-se pelo contraste com práticas sociais não-turísticas, sobretudo aquelas baseadas no lar e no trabalho remunerado (URRY, 1996, p. 16).

Durante o século XIX, as instituições esforçaram-se para estabilizar os costumes, domesticar a paixão, moralizar os comportamentos, mas tudo isso foi insuficiente para erradicar essa pulsão vital que incita a buscar a aventura, a descobrir o estranho e o estrangeiro, e isso a fim de dar vida outra vez àquilo que tende a fechar-se sobre si e, assim, a morrer de inanição (MAFFESOLI, 2001, p. 130). O turismo, a forma de viagem organizada e estruturada, responde a essa ânsia, representando sem dúvida a domesticação das viagens e dos viajantes, muitas vezes sem êxito. Explica Boyer :

“O turismo é um tipo de consumo diferente dos outros, pois se realiza em outro local e não visa à satisfação de uma necessidade fundamental do homem: ele não é um dado da Natureza ou do Patrimônio Histórico, pois nenhum lugar é ‘turístico em si’, nenhum sítio ‘merece ser visitado’, como diz a literatura turística; o turismo é um produto da evolução sociocultural e pode ser definido assim: Turismo = conjunto dos fenômenos resultantes da viagem e da estadia temporária de pessoas fora de seu domicílio, na medida em que este deslocamento

satisfaz, no lazer, uma necessidade cultural da civilização industrial”(BOYER, 2003, p. 16).

3 - O TURISTA E SEU RELATO: AS FOTOGRAFIAS E OS FILMES

O imaginário do turista parece que não se forma sem a presença da fotografia e dos viajantes fotógrafos. Em 1841 um fotógrafo francês cruzou o Pacífico; no mesmo ano, o primeiro volume de *Excursions daguerriennes: vues et monuments les plus remarquables du globe* (as paisagens e os monumentos mais notáveis do mundo) foi publicado em Paris. Daí em diante, o imaginário do turista não se dissocia mais do homem com a câmera na mão, que não é fotógrafo profissional e talvez não tenha uma idéia na cabeça.

Segundo Urbain (1993), por um curto período de tempo, as palavras turista e viajante significaram as mesmas coisas, para logo se distanciarem. Dessa forma, quem escreve não é o turista, pois ele não tem tempo para isso. Ele preocupa-se com outro mecanismo de percepção, de registro de fatos, de narração e divulgação de suas experiências. O turista fotografa a viagem e depois exhibe as fotografias (ou filmes) para seus amigos, parentes e vizinhos.

A fotografia tem um papel especial na viagem turística. As fotos oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão. As fotos documentam seqüências de consumo realizadas longe dos olhos da família, dos amigos, dos vizinhos (SONTAG, 2003, p. 19-20). A viagem e seus acontecimentos, como os relatos de viajantes, precisam de provas, e a fotografia as produz com mais rapidez do que a descrição textual. Além de registrar o momento, a fotografia fala mais que a memória e participa ativamente das impressões dos turistas sobre os locais por onde passam.

Se fotografar é um modo de atestar experiências, tirar fotos é também uma forma de recusá-las, converter a experiência em imagem e a imagem em um souvenir. São as *fotos-troféus*. “Parece decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera” (SONTAG, 2003, p. 19).

Segundo ainda Sontag (2003), o turista norte-americano atrevido das décadas de 50 e 60, “cheio de dólares e vulgaridade”, vai aos poucos sendo substituído pelo turista japonês, a partir do início da década de 70. Em grupos, munidos de suas câmeras, esses turistas exibem as novidades tecnológicas para a fotografia e a filmagem. *Voyeurs*, eles tomam posse do lugar visitado. Nem trabalho eles têm, pois existem placas que dizem qual o melhor local para tirar a fotografia. Os objetos e

os seres humanos viram uma coisa só.

Nem sempre o viajante sabe fotografar, às vezes se envergonha de usar a máquina, se não for um fotógrafo profissional. O viajante de Saramago envergonha-se de usar sua máquina para registrar as mulheres vestidas de negro em Miranda do Douro, diz que não está habituado ao atrevimento comum dos demais viajantes, que entram na vida das pessoas para registrá-la (SARAMAGO, 1997, p. 17).

O turista não é só a imitação fraudulenta do viajante, sua deteriorização e sua falsificação: é também o infligidor dos mais intensos constrangimentos às comunidades receptoras. Eles chegam como hordas destrutoras, como ondas que tudo devastam (KRIPPENDORF, 1977, 1987). Chegam a um local como se fossem assistir a um espetáculo; após sua máxima experiência de prazer, abandonam seus restos e seus lixos à população local atônita.

Para MacCannell, o turista observa representações, formadas por imagens mentais e imagens pictóricas, muitas vezes se deixa enganar:

“O turismo é diferente da etnografia, e talvez seja este o segredo de seu êxito, porque não é consciente de seus objetivos. O turista desconhece seus verdadeiros motivos: seu papel na construção da modernidade. O turista acredita que sai para se divertir. Sempre reservamos nossa melhor mistificação para o ato de apresentar educadamente nossos respeitos à sociedade e a suas obras. O etnógrafo não se engana, ou não deveria enganar-se, com respeito a seus verdadeiros motivos, nem ser enganado pela grandeza de sua tarefa. Deve limitar-se a facilitar a compreensão do mundo social mais do que compreender a si próprio, com a esperança de que sua teoria e métodos o ajudarão a alcançar este objetivo, sabendo que não existem garantias de que isso será o resultado”(MACCANNELL, 2003, p. 231).

Por todas essas razões, a viagem turística inverte a ordem da viagem comum, quando subverte o processo de aquisição de identidade, pelo embate entre diferença e semelhança. Se o movimento anterior leva a romper com o cotidiano, manter-se em suspensão e regressar, agregar-se, o turismo provoca a sensação de que, apesar da passagem, do desprendimento, o estado de suspensão possui as mesmas características da origem e do retorno do périplo. As perguntas são muitas: que mudança haverá no deslocamento? A experiência da compreensão do mundo é válida dessa forma? Como enfrentar as diferenças e formar identidades?

Como compreender a si mesmo numa viagem turística?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções que os relatos ajudam a construir podem ser analisadas com base em Urbain (1986), que criou um modelo de oposições entre ser e parecer, em que o viajante contrasta com um "turista de segunda geração" (viajante não puro, mas não transformado em turista ainda), representado principalmente pelo veranista. Os turistas de primeira geração tendem a não se transformar nos de segunda geração, que seriam os falsos viajantes.

A análise dos relatos reforça a idéia de que o viajante pratica ações verdadeiras, puras e busca o conhecimento. De acordo com essa idéia, é difícil considerar o turista médio, de massa, que participa de pacotes, como um viajante em busca do conhecimento. Automaticamente, ele representa a degradação do viajante, uma figura ridícula, folclórica, uma alegoria dos monumentos e florestas.

Em que pese as defesas dos turistas, engendradas principalmente pelos profissionais da área, o imaginário do turista fortifica-se a cada minuto em livros ou filmes. Dessa forma, como diz Urbain (1986), todo e qualquer turista de primeira instância (e Urbain coloca Stevenson nessa categoria), recusa-se a ser confundido com o turista de massa.

A principal idéia é reforçada pelos relatos: a experiência da viagem é importante para o ser humano, pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade. A viagem é uma necessidade transformadora. Os relatos de viagem e a literatura sobre viagens criam e reforçam a idéia da viagem como ação humana importante para a formação do homem. Leiam-se as aventuras de Marco Polo, os relatos de Humboldt, Charles Darwin, Wallace, Bates, da maior parte dos narradores de viagens, dos cronistas aos cientistas.

Viajar é um ato de transformação e de educação. É uma prática densa, uma experiência profunda. A densidade da viagem é demonstrada, por exemplo, no trabalho de James Clifford (2003) que, como viajante, analisa quatro museus da costa noroeste dos Estados Unidos e do Canadá. Segundo o antropólogo, ele faz um diário de viagem, não uma pesquisa histórica ou etnográfica. O autor relata :

"Estive em Vancouver em agosto de 1988, ministrando cursos de verão. Durante fins de semana, visitei quatro museus. Demorei-me nas

duas instituições, nas quais pude passar mais tempo: o Museu de Antropologia da Universidade da Colúmbia Britânica e o Centro Cultural de U'mista.

As reflexões a seguir são aquelas de um estrangeiro, de um visitante branco americano. Embora relate conversas com museólogos e moradores da região e utilize informações tiradas dos livros, escrevi este capítulo, sobretudo, com minhas impressões pessoais”(CLIFFORD, 2003, p. 256-257).

São diferentes, portanto, a atuação de um antropólogo e a de um viajante: a ausência de uma pesquisa mais sistemática e de auxiliares de pesquisa e o tempo relativamente curto passado no local são características das impressões de viagem, mesmo que tais impressões proporcionem argumentações e conclusões extremamente contundentes e importantes.

Por ter vivenciado diferentes situações, o viajante termina a viagem transformado:

“A pessoa que tomou estas notas morreu no dia em que pisou novamente o solo argentino. A pessoa que está agora reorganizando e polindo estas mesmas notas, eu, não sou mais eu, pelo menos não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que me dei conta” (GUEVARA, 2003 [1952], p. 14).

Para Swift, o viajante tem uma função: tornar os homens mais sábios e melhores, a partir de bons e maus exemplos, provindos da descrição da diversidade (SWIFT, 1996 [1726], p. 323).

A viagem é um evento desnecessário e também danoso

No conto Uma excursão milagrosa (1866), Machado de Assis manifesta suas opiniões mais contundentes sobre a viagem. O autor deixa transparecer sua falta de apreço pela viagem de exploração, aquela que tatua o viajante, a viagem mais nobre e fundadora (ASSIS, [19--] [1866], p. 74-75).

O turismo é a viagem libertadora e verdadeira

Ser turista também significa inserir-se na sociedade globalizada. É ser cosmopolita, participar de grandes eventos mundiais produzidos pela indústria cultural de consumo, freqüentar as edições da Copa do Mundo de Futebol, os Jogos Olímpicos, os grandes shows e concertos de música.

A indústria cultural cria no turismo a idéia de homem cosmopolita, conhecedor do mundo, indivíduo que conhece os detalhes dos países do globo.

O turista é também aquele que melhor emprega seu tempo livre, pois viajar é a forma ideal de utilização desse tempo. Indo mais além, o turista tem experiências ao despender energia, sem que necessariamente tenha um retorno, sem que precise ser produtivo. O dispêndio não produtivo, em consonância com a noção de *dépense*, de Georges Bataille, apropriada por Maffesoli (1989, 2000), indica a valorização da experiência turística não como uma experiência transformadora, em busca da autenticidade, como sugere MacCannell (2003), mas uma experiência que se encerra em si própria. Sem o objetivo de existir, como as festas em momentos não cotidianos, a viagem turística é uma forma completa de experiência prazerosa. O turismo não necessita, pois, de razões para existir, e o turista não precisa ser explorador, conquistador, curioso, aventureiro. Ele não precisa ser nada, apenas passar pela experiência da viagem e assim compor sua vida societal.

A errância faz parte da existência, na verdade, erra-se para existir. Ela apresenta dois lados: uma forma de viver efervescente e criadora, porém não produtiva. No entanto, a viagem pressupõe a busca de conhecimento; portanto, a educação e a pesquisa são suas componentes. O turismo, da forma como é visto, na sua improbidade, está mais próximo da errância de Maffesoli do que a viagem pura.

O turismo é a antiviagem

Em maior escala, esse comportamento desinteressado do turista é alvo de críticas, quando contrastado com o viajante explorador e aventureiro. As experiências do viajante são mais autênticas, verdadeiras. Reflete Che Guevara:

“A paisagem magnífica ao redor do sítio forma o pano de fundo ideal para inspirar os sonhos de qualquer um que passeie através das ruínas; os turistas da América do Norte, sempre inflexíveis com sua visão prática do mundo, conseguem colocar representações do povo caído que eles viram em sua

viagem em meio a estas paredes, sem se aperceber da distância moral que as separa, já que apenas o espírito semi-indígena da América do Sul pode agarrar as sutis diferenças”(CHE GUEVARA, 2003 [1952], p. 118).

Segundo ainda o autor, os turistas são emissários de outros mundos enviados aos povos que visita.

Como produto da indústria cultural, o turismo busca o autêntico, mesmo que signifique uma deturpação valorativa das obras e dos objetos importantes para as sociedades, para o mundo ocidental em geral. Os valores dos atrativos são impostos dentro da indústria cultural. O monte Everest ou a floresta amazônica competem com a casa onde morou o cantor Elvis Plesley ou com os carros usados em filmes de ação de Hollywood. Da mesma forma, as residências de Rembrandt, Freud e de outras personalidades da arte e das ciências transformam-se em atrativos. Pode-se perguntar: que tipo de pessoa sai de sua casa para visitar, entre outras coisas, a casa onde morou Elvis Plesley? Constrói-se assim a imagem do turista como mau viajante, que obedece à lógica do mercado da sociedade de consumo e rege-se por valores externos às atrações que visita.

Featherstone (1995), baseado em Urry e MacCannell, demonstra que não importa ao turista se o que lhe estão apresentando é alguma coisa autêntica ou a simulação de uma festa tradicional ou de outro comportamento qualquer do nativo. O que importa é a qualidade e a intensidade do espetáculo, que lhe permitem viver momentos prazerosos.

Passando pelas críticas de Boorstin (1971) e pelas observações de Urbain (1983, 1993, 2002a, 2002b), Amirou e Bachimon (2000) explica que, se o turista estivesse em um tribunal, seria acusado de ser um usurpador da função do etnólogo, consumindo um exotismo de pacote; também seria acusado de comportamentos irresponsáveis, por provocar poluição, profanar monumentos e envolver-se em prostituição. O turista não adquire nenhum tipo de conhecimento nas suas viagens, pois falta-lhe educação. “O gosto pelo espetáculo e pela imagem, os lugares abarrotados, e a tendência ao vandalismo não esgotam a lista dos prejuízos comuns. Do turista, viajante apressado e superficial, se desaprova o fato de preferir os monumentos aos seres humanos” (URBAIN, 1993, p. 35). Para Urbain (1993, p. 35), a diferença crucial entre o viajante profissional e o turista não está no temperamento, está no gosto. O turista é um mau etnólogo, um falso esteta, um preguiçoso satisfeito e um peregrino medíocre. Em resumo, um fútil, um vulgar.

Para Michel (2000), ser turista é um estigma.

Como a forma degradada pode ter semelhanças com a forma pura e original? Ambas estão atrás do exótico. O *exote*, para Victor Segalen, é o viajante nato nos mundos plurais, que aceita os múltiplos sabores do que em essência é diverso. As duas formas também se encontram em algum momento. Um momento inusitado: turistas pequeno-burgueses e vulgares abandonando seus conformismos e outros brilhos do conforto moderno para se entregarem a ritos e celebrações das culturas onde estão (MAFFESOLI, 2001, p. 129). Para o viajante, essa entrega é mais fácil, pois está aberto a esse tipo de experiência.

Concluindo, pode-se levantar a hipótese de que as críticas ao turismo e ao turista são fruto de uma leitura preconceituosa das viagens de turismo de massa, empreendidas por trabalhadores da classe média mundial.

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elizabeth. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Brasília: Senado Federal, 2000.

AMIROU, Rachid; BACHIMON, Philippe. *Le tourisme local: une culture de l'exotisme*. Paris: L'Harmattan, 2000.

ASSIS, Machado de. Uma excursão milagrosa. In: ASSIS, Machado de. *Contos recolhidos*. Rio de Janeiro: Ediouro,s/d.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

BECKERMAN, Stephen. A Amazônia estava repleta de gente em 1492? In: NEVES, Walter (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG, 1991. p.143-159.

BERNARDINO, Danuzio Gil (Org.). *Os diários de Langsdorff*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, v. 1, 2 e 3.

BOORSTIN, D. J. Du voyageur au touriste: l'art oublié du voyage. In: BOORSTIN, D. J. *L'image*. Paris: UGE, 1971.

BOTTON, Alain de. *A arte de viajar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BOUGAINVILLE, Louis-Antoine de. *Voyage autour du monde*. Paris: Larousse, 2000.

BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Bauru, SP: Edusc, 2003.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta. In: CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: LGPM, 2003. p.88-116.

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: LGPM, 2003.

CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

CLIFFORD, James. Museologia e contra-história: viagens pela Costa Noroeste dos Estados Unidos. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COOK, James. *Los viajes del Capitan Cook*. Barcelona: Serbal, 1985.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs: 1850/1960*. Paris: Flammarion, 2001.

COUDREAU, Henri. *Viagem a Itaboca e ao Itacaiúnas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FREITAS, Marcus Vinicius. *Charles Frederick Hartt: um naturalista no império de Pedro II*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

GUEVARA, Ernesto Che. *De moto pela América do Sul, diário de viagem*, trad. Diego Ambrosini. São Paulo: Sá Editora, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2001.

HART, Charles Frederick. *A naturalist in Brazil: the american naturalist*. Salem, MA: Peabody Academy of Science, 1868/69, v. II.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

HIAASEN, Carl. *Caça aos turistas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

HOBSBAWN, Eric. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HUMBOLDT, Alexandre von. *Quadros da natureza*. Rio de Janeiro: W. M. Jakson, 1965.

KRIPPENDORF, Jost. *Les dévoreurs de paysages*. Lausanne: Édition 24 Heures, 1977.

KRIPPENDORF, Jost. *Les vacances et après? pour une nouvelle compréhension des loisirs et des voyages*. Paris: L'Harmattan, 1987.

LA CONDAMINE, Chales-Marie de. *Viagem pelo Amazonas: 1735-1745*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Martins, 1941.

LIVINGSTONE, David. *Le dernier journal de Livingstone*. Paris: Arlea, 1994.

MACCANNELL, Dean. *El turista: una nueva teoria de la clase ociosa*. Barcelona: Melusina, 2003.

MADARIAGA, Salvador de. *Christophe Colomb*. Paris: Presses Pocket, 1991.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAHN-LOT, Marianne. *La conquête de l'Amérique espagnole*. Paris: PUF, 1996.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes. O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, v. 1.

MICHEL, Franck. *Désirs d'ailleurs: essai d'anthropologie des voyages*. Paris: Armand Colin, 2000.

MINGUET, Helene. *Introdução*. In: LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem pelo Amazonas, 1735-1745*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *O olhar do estrangeiro*. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p.361-365.

PIGAFETTA, Antonio. *A primeira viagem ao redor do mundo: O diário da expedição de Fernão de Magalhães*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

PRICE, Grenfell, Adams, Percy. *Indroduccion y edicion*. In: COOK, James. *Los viajes del canpitan cook*. Barcelona: Ed. Serbal, 1985.

REY, Alain. *Le grand Robert de la langue française*. 10. ed. Paris: Dic. Le Robert, 2001.

ROOSEVELT, Anna. *Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia*. In: NEVES, Walter (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG, 1991. p.103-141.

ROULET, Eric. *La conquête des Amériques au XVI^e siècle*. Paris: Puf, 2000.

SAMARAGO, José. *Viagem a Portugal*. 2ª ed. São Paulo: Cia das letras, 1997.

SILVA, Wilton Carlos da. *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Unesp, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SPIX, J. B.; MARTIUS, C. F. P. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, v. 1.

STENDHAL. *Mémoires d'un touriste*. Genève, Paris: Slatkine Reprints, 1968.

THEVET, André. *As singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1944.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

URBAIN, Jean Didier. *Sur l'espace du touriste: un voyage en Tunisie. Éléments pour une sémiotique de l'espace touristique des Français. L'Espace Géographique*, [S.l.], n. 2, p. 115-124, 1983.

URBAIN, Jean Didier. *Sémiotiques comparées du touriste et du voyageur. Semiótica*, Paris, v. 58, n. 3-4, p. 269-279, 1986.

URBAIN, Jean Didier. *L'idiote du voyage: histoires de touristes*. Paris: Payot, 1993.

URBAIN, Jean Didier. *Sur la plage*. Paris: Payot, 2002a.

URBAIN Jean Didier. *Les vacances*. Paris: Le Cavalier Bleu, 2002b.

URBAIN, Jean Didier. *Ethnologue mais pas trop*. Paris: Payot, 2003a.

URBAIN, Jean Didier. *Secrets de voyage*. Paris: Payot, 2003b.

URRY, John. *O olhar do turista*. São Paulo: Estúdio Nobel; SESC, 1996.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERNE, Jules. *Os conquistadores*. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1998.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. Brasília: Senado Federal, 2004.

Texto submetido à Revista em 24.02.2004 e aceito para publicação em 12.05.2004.